

EXPERIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA NA UNEB

EXPERIENCES FIELD EDUCATION END AGROECOLOGY AT UNEB

Maria Nalva Rodrigues de Araújo Bogo¹

Maria Jucilene Lima Ferreira²

Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho³

Resumo

O artigo objetiva analisar os fundamentos teórico-práticos que subsidiam os processos educativos do Curso de Bacharelado em Agroecologia e da Feira de base Agroecológica nos *campi* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), de modo que, se explice a perspectiva contrahegemônica nos processos formativos ali realizados e se amplie o debate acerca da função social da produção do conhecimento científico, no âmbito da Universidade. A metodologia ancora-se na revisão bibliográfica e pesquisa documental. As discussões apontam que, a Universidade avança como produtora de conhecimento crítico quando se aproxima e dialoga com as demandas das comunidades locais, a exemplo dos cursos de Agroecologia e das Feiras de base agroecológica. Todavia, são muitas as tensões e desafios para o fortalecimento das ações e projetos contrahegemônicos. A educação em Agroecologia se coloca em posição de enfrentamento às estruturas dominantes de classe presentes na Universidade, que, por suas necessidades formativas exige uma Universidade que se volte para os problemas da sociedade e que produza formas de ensino, conhecimento e atuação que impulsionem os processos de transformação social.

Palavras-chave: Universidade; Pedagogia da Alternância; Feiras de base Agroecológicas; Práxis.

Dossiê: Artigo Original: Recebido em 15/06/2025 – Aprovado em 12/12/2025 – Publicado em: 29/12/2025

¹ Doutora em Educação, Mestra em Ciências e Práticas Educativas, especialista em História econômica, Licenciada em Ciências Sociais. Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, professora colaboradora do Mestrado em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. Professora Colaboradora do Mestrado em Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho- TERRITORIAL/UNESP. Integra a Coordenação Colegiada do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial (CAECDT/UNEB) Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil. *e-mail:* mnaraajo@uneb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9020-2217>.

² Doutora em Educação; Mestra em Educação; Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação; Licenciada em Pedagogia. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED/UNEB - Campus XIV). Integra a Coordenação Colegiada do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial (CAECDT/UNEB). *e-mail:* Salvador, Bahia, Brasil. miferreira@uneb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0456-3842>

³ Doutora em Educação. Mestra em Educação. Graduada em Pedagogia. Especialista em Planejamento Educacional. Professora Adjunta da UNEB. Professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente PPGEDuF - UNEB, Departamento de Educação DEDC/Campus XII/Guanambi-Bahia. Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil. *e-mail:* lfcarvalho@uneb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9730-1517> (autora correspondente)

Abstract

This article aims to analyze the theoretical and practical foundations that support the educational processes of the Bachelor's Degree in Agroecology and the Agroecological-Based Fair held on UNEB campuses. The goal is to highlight the counter-hegemonic perspective present in these formative processes and to expand the debate on the social role of scientific knowledge production within the university context. The methodology is based on bibliographic review and documentary research. The discussions indicate that the university advances as a producer of critical knowledge when it approaches and engages with the demands of local communities, as exemplified by the Agroecology courses and the agroecological-based fairs. However, there are many tensions and challenges to strengthening counter-hegemonic actions and projects. Agroecological education positions itself in opposition to the dominant class structures within the university; due to its formative needs, it calls for a university that focuses on society's problems and develops forms of teaching, knowledge, and action that drive processes of social transformation.

Keywords: University; Pedagogy of Alternation; Agroecological Fairs; Práxis.

1 Introdução

Neste artigo indaga-se sobre quais as formulações teóricas que subsidiam o exercício da práxis, nos cursos de Agroecologia e nas Feiras Agroecológicas da UNEB, objetivando, sobretudo, analisar os fundamentos teórico-práticos que subsidiam os processos educativos do curso de Bacharelado em Agroecologia e da Feira de base Agroecológica nos *campi* da UNEB, focalizando as experiências formativas da Universidades do Estado da Bahia (UNEB), por meio das ações realizadas na Educação do Campo e da Agroecologia junto aos movimentos sociais, sindicais, cooperativistas e associativistas do campo, pontuando os avanços e desafios que persistem a partir das reflexões praxiológicas que vem sendo tecidas no interior do Grupo de Pesquisa em Educação do Campo (GEPEC) e do coletivo do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire (CAECDT), ambos vinculados à UNEB.

Inicialmente apresenta-se uma breve contextualização da UNEB, seu histórico, sua relação com as regiões por meio dos departamentos, localizados no interior do Estado, o acolhimento às demandas dos movimentos sociais do campo. Nossa intenção principal é situar os cursos de Agroecologia existentes atualmente na Universidade como cursos regulares, fruto de um longo percurso de trabalho e parceria em Educação do Campo e Agroecologia, junto aos movimentos sociais do campo, por meio de cursos vinculados a projetos e programas especiais, a exemplo do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), Programa Saberes da Terra dentre outros.

Para efeito de exposição, organizamos o texto em alguns tópicos: No primeiro momento faz-se uma breve contextualização da Universidade e sua relação histórica com os movimentos sociais do campo, buscando contribuir para a implementação de políticas públicas dirigidas à

formação de educadores/as e camponeses/as em geral. Em um segundo momento, descreve-se o percurso teórico-metodológico utilizado na pesquisa, bem como na construção do trabalho. E, por último, expõe-se as experiências que temos construído, por meio do trabalho de docência e coordenação dos cursos de Agroecologia e do Projeto das Feiras de base Agroecológica na UNEB.

2 Contextualizando a Universidade do Estado da Bahia

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é uma universidade multicampi que se encontra presente em todas as regiões geo-político-econômicas do Estado da Bahia, através dos seus campi e Departamentos, os quais, mesmo sob condições adversas vem propiciando, ainda que, de forma tímida, a socialização do saber socialmente acumulado pela humanidade para as populações interioranas, desenvolvendo ainda ações de extensão e pesquisa atendendo, nos limites da institucionalidade, aos apelos dos movimentos sociais do campo e da cidade.

Uma universidade relativamente jovem, a UNEB nasceu em 1983 da reunião de faculdades isoladas existentes no interior do Estado e na capital. A sua presença em todo o Estado da Bahia se dá mediante a existência de 27 *campi* e 32 Departamentos e, ofertando cursosⁱ de graduação em Licenciaturas e Bacharelados, pós-graduação *lato* e *stricto sensu* Mestrado e Doutorado, realizando pesquisa e extensão cumprindo o princípio da indissociabilidade do *tripé* entre ensino, pesquisa e extensão, com o compromisso descrito no brasão de armas da UNEB por meio da frase latina *Hominem Augere* que significa “para o aperfeiçoamento do homem” (Boaventura, 2009).

Conforme dados da II Pesquisa Nacional em Educação nas áreas de Reforma Agrária, a UNEB, desde 1999, através do PRONERA e, em parceria com os movimentos sociais do campo (Movimento de Luta pela Terra - MLT, Movimento Estadual de Trabalhadores, Assentados, Acampados e Quilombolas - CETA, Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido - FATRES, Fundação dos Trabalhadores na Agricultura - FETAG), já alfabetizou 7.271 assentados/as, possibilitou a conclusão do Ensino Fundamental para 330 jovens e adultos, através do Projeto de Escolarização em Educação de Jovens e Adultos - EJA/Fundamental, possibilitando ainda a formação em nível Normal Médio de 180 educadores/as, qualificou 60 técnicos/as em Agropecuária (nível médio), oportunizou a 93 educadores/as a conclusão do Curso de

Pedagogia da Terra, 120 educadores/as graduaram-se em Letras Vernáculas, ainda 120 bacharéis/bacharelas em Agronomia, 60 bacharéis/bacharelas em Direito (II PNERA, 2013).

Além destes, a UNEB/CAECDT tem desenvolvido outras ações para além do PRONERA, conforme Quadro 1.

QUADRO 1- PROJETOS E AÇÕES DO CAECDT / UNEB 2016-2020

Projeto	Objetivo	Público Alvo
Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária Popular	Debater sobre o Direito Agrário, questão agrária e as condições de produção da vida no campo	Pesquisadores, extensionistas, estudantes de graduação e pós-graduação, movimentos sociais e sindicais populares do campo
Feira Agroecológica	Comercialização de Produtos agroecológicos, livre de defensivos, além de formação para sustentabilidade e qualidade de vida	Interno e externo
Oficinas de Formação e Acompanhamento dos produtores da Feira Agroecológica	Formação, Acompanhamento e Avaliação da produção dos agricultores que comercializam seus produtos na Feira Agroecológica.	Produtores de assentamentos da Reforma Agrária e da Colônia Penal Lafayete Coutinho, em Salvador, Bahia que comercializam seus produtos na Feira Agroecológica
Projeto de Especialização em Educação do Campo e Agroecologia	Realizar Curso de Especialização (<i>Lato Sensu</i>) em Educação do Campo e Agroecologia com vistas à formação de profissionais da educação que atuam em espaços escolares e não escolares, na perspectiva do desenvolvimento territorial rural sustentável, solidário e da emancipação humana.	50 estudantes, sujeitos do campo
Projeto de Mestrado Profissional em Educação do Campo	Fomentar a produção de conhecimento acerca dos processos formativos dos educadores que atuam no campo, como também problematiza a organização do trabalho pedagógico na escola, sua gestão, formação continuada, trabalho e implementação de projetos inovadores teoricamente consistentes e socialmente relevantes.	Destina-se à formação continuada de graduados/as em Licenciaturas e em Bacharelados em outras áreas de conhecimento.
Projeto de Bacharelado em Agroecologia	Formar, sob a perspectiva da Pedagogia da Alternância, bacharéis em Agroecologia para atender uma população jovem e adulta de trabalhadores das áreas rurais e constitui-se em uma ação com um largo significado na promoção da justiça social no campo através da democratização do acesso à educação superior.	50 estudantes, sujeitos do campo do Território de Identidade Sisal (Conceição do Coité) e Território de Irecê (Irecê)
Curso de Formação de Agentes Populares em Agroecologia	Oportunizar a troca de conhecimentos, enfatizar os princípios da agroecologia, dando alternativas para os agricultores iniciarem seu processo de transição ou melhorarem suas ações de base agroecológica.	Feirantes e assentados
Retomada da Feira Agroecológica da UNEB (Edital 030/2020 da PROEX)	Comercialização de Produtos agroecológicos, livre de defensivos, além de formação para sustentabilidade e qualidade de vida.	Interno e externo
Projeto Viveiro de Mudas da Caatinga	Produção de mudas da Caatinga para recaatingamento do Centro e doação	Interna e Externa

FONTE: Ferreira; Carvalho; Bogo (2021, p. 32).

Os dados apresentados no Quadro 1 mostram a trajetória da UNEB e as bases para a consolidação da Educação do Campo e a Agroecologia na Universidade. Portanto, a Agroecologia e sua interface com a Educação do Campo na Universidade do Estado da Bahia, emerge a partir das lutas sociais desenvolvidas pelos movimentos sociais, sindicais, cooperativistas e associativos do campo, frente ao histórico de negações de direitos às populações campesinas. Esses movimentos, organizados através da luta social, pressionam o Estado brasileiro para que tenham seus direitos atendidos. No campo brasileiro foram quase 400 anos de um sistema de tráfico de pessoas do continente africano, não só para exploração de sua força de trabalho, mas para a sua escravização e mesmo após a “libertação do povo africano” - Lei n. 3.353 de 13 de maio de 1888 - o acesso à terra e a outros direitos, não aconteceu. Ainda hoje, na atualidade do século XXI, o campo brasileiro mantém características básicas, desde o processo de colonização e escravidão, como: latifúndio, monocultura, exploração da mão de obra, produção para o mercado externo. Destaca-se que, o latifúndio, desde sempre, é parte constitutiva dos modelos de organização do campo. Alentejano (2012) afirma que:

O contraste se torna ainda mais nítido quando observamos que os estabelecimentos com menos de 100 hectares são cerca de 90% do total, ocupando uma área de cerca de 20%, ao passo que os com mais de 100 hectares são menos de 10% do total e ocupam 80 % da área. E este quadro permaneceu praticamente inalterado nos últimos 50 anos. (Alentejano, 2012, p. 354)

Alentejano (2012), acrescenta que a concentração fundiária no Brasil é marca inegável da estrutura fundiária e geradora de profundas desigualdades. Outro efeito destacado pelo autor acerca da concentração fundiária é a expulsão dos trabalhadores do campo pela modernização da agricultura que reduz a necessidade de mão de obra no campo e, assim, impossibilita a reprodução ampliada das famílias campesinas. O modelo de agricultura, implantado pelo agronegócio, atualmente (2025), vêm transformando, profundamente, as relações sociais de produção no campo; aumentando a concentração de terras e, consequentemente, acentuando o êxodo rural, provocando o crescimento da dependência da indústria química e mecânica e mais recentemente, da genética, diminuição substancial da necessidade de trabalho vivo. O citado modelo, vem transformando a agricultura em um negócio rentável regulado pelo lucro e pelo mercado mundial, deixando para trás um rastro de destruição.

Por outro lado, a classe trabalhadora tem lutado bravamente, contrapondo-se aos processos históricos de exclusão, buscando construir outro modo de organização da vida, incluindo neste bojo a luta pela democratização da propriedade da terra, por outro modelo

produtivo por meio da Agroecologia, educação de qualidade, bem como influir nas propostas educacionais coerente com o modelo societário da classe trabalhadora. Nesse contexto, nasce uma nova proposta educativa que só tem possibilidade de se realizar mediante a democratização da propriedade da terra e um modelo sustentável de agricultura como a Agroecologia e a Educação do Campo.

As mobilizações dos movimentos sociais, na luta pela garantia do direito à terra, ao trabalho, à Agroecologia culminaram em 1988 com a criação do Movimentos Por Uma Educação do Campo. A partir daquele momento, os movimentos sociais do campo delimitaram uma concepção de educação coerente com seus propósitos e princípios, contrapondo-se à concepção dominante que concebia/concebe o meio rural, apenas como produtor de mercadorias para atender às demandas puramente econômicas. Os movimentos asseguram que,

os povos do campo têm uma raiz cultural própria, um jeito de viver e trabalhar distintos do mundo urbano, o que inclui diferentes maneiras de ver e se relacionar com o espaço, com o meio ambiente, bem como de viver e de organizar a família, a comunidade, o trabalho e a educação. (Kolling et al, 1999, p. 16)

Ainda em 1998, os movimentos conquistaram o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), o qual ao longo de quase três décadas, tem se traduzido em uma possibilidade para os/as trabalhadores/as jovens e adultos do campo terem acesso à educação escolar (desde a alfabetização de adultos até a Universidade). Este Programa também possibilitou uma relação muito estreita entre os movimentos sociais do campo e as universidades brasileiras, por meio da educação e a formação em Agroecologia.

A partir do Movimento por uma Educação do Campo, as universidades brasileiras, entre elas a UNEB, foram convocadas pelos movimentos sociais e pelos poderes públicos a desenvolver projetos/programas no sentido de contribuir na consolidação das políticas de Educação do Campo e Agroecologia. Deste modo, inúmeras ações foram desenvolvidas em todo o Brasil numa parceria tripartite entre governo federal, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Universidades, movimentos sociais do campo.

Neste caminhar, inúmeros projetos foram desenvolvidos na Universidade do Estado da Bahia, desde a Alfabetização de Jovens e Adultos, cursos técnicos, cursos de licenciaturas e bacharelados, EJA, graduações, especializações (Residência Agrária), pesquisas de Iniciação Científica, trabalhos extensionistas e outros, possibilitando formação profissional e elevação da escolaridade da classe trabalhadora do campo.

Ao refletir sobre a importância da formação em Agroecologia na educação dos camponeses, Caldart (2017) enfatiza a potencialidade presente neste processo, seja no sentido político, seja no sentido formativo. A autora adverte-nos sobre a necessidade de produzir relações orgânicas entre Escolas do Campo e as formas de produção agrícola gestadas pelo modelo que enfrenta a produção hegemônica da agricultura industrial e aponta para a superação deste modelo.

A partir das considerações elencadas anteriormente podemos afirmar que, a Agroecologia e a Educação do Campo adentram a Universidade a partir de projetos demandados pelos movimentos sociais, cooperativistas, associativos e sindicais do campo. Inicialmente, pela extensão universitária, no segundo momento pelos currículos dos cursos formais (formação profissional de Ensino Médio, Pedagogia da Terra, Letras da Terra, Bacharelado em Agronomia e em Direito), vinculados ao PRONERA e no terceiro momento com os cursos de graduação com entrada contínua, sob uma organização própria, seguindo os princípios da Educação do Campo.

Estudo promovido em 2013, por Balla, Massukado e Pimentel (2014), traçaram um cenário dos cursos de Agroecologia no Brasil, mediante os resultados do estudo, os pesquisadores promoveram um levantamento de todas as experiências de educação em Agroecologia no país, que foram reconhecidas e estavam formalizadas naquele período, por análise de dados do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Ao todo foram levantados 136 cursos de educação em Agroecologia, sendo que destes, 108 são cursos de técnicos de nível médio, 24 são cursos de graduação, sendo 19 tecnólogos e 5 bacharelados e 4 são cursos de pós-graduação *stricto sensu*, sendo três Mestrados e um Doutorado. Esses dados mostram como se encontra a educação em Agroecologia na educação formal em nosso país, naquele período. A UNEB, na atualidade, conta com cursos de bacharelado em Agroecologia em dois departamentos (Irecê e Conceição do Coité) e um curso de Doutorado em Agroecologiaⁱⁱ no Campus III, em Juazeiro. Além do Curso de Licenciatura em Agroecologia, no DEDC/XII – na cidade de Guanambi e, ainda a Universidade mantém Feiras de base Agroecológicas em oito departamentos, as quais serão explicitadas nas seções a seguir.

3 Metodologia

A metodologia desse trabalho assume o Materialismo Histórico-Dialético como referência para os procedimentos de pesquisa, considerando as seguintes categorias:

historicidade, práxis e contradição. Para tanto, utiliza-se a revisão bibliográfica, atentando para autoras e autores nacionais que discutem a concepção e a práxis da Educação do Campo e da Agroecologia e a pesquisa documental sobre o Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Bacharelado em Agroecologia e relatórios das Feiras Agroecológicas da UNEB. Considera-se, ainda, as quatro coletâneas publicadas pelo coletivo de pesquisadoras/es e extensionistas vinculados/as ao CAECDT como ação elementar no processo de produção do conhecimento e práxis.

Laville e Dionne (1999) argumentam que, o termo documental significa que a fonte de informações já existe. Portanto, essa fonte de informação resume-se em agregar dados de documentos, descrevendo ou transcrevendo o seu conteúdo, além de uma inicial ordenação de informações para seleção daquelas mais pertinentes. Para tanto, realizou-se uma leitura densa e analítica dos Projetos e relatórios produzidos sobre das ações realizadas pela Universidade, por meio do coletivo de Educação do Campo e de Agroecologia, atualmente sob a coordenação do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire.

Conforme já anunciando anteriormente, a Universidade do Estado da Bahia com 42 anos de história, está estruturada pelo sistema de multicampi, o que oportuniza a sua presença em todas as regiões do Estado, cuja missão é “a produção, difusão, socialização e aplicação do conhecimento nas diversas áreas do saber, sempre visando à formação integral do cidadão e o desenvolvimento das potencialidades econômicas, tecnológicas, sociais, culturais, artísticas e literárias da comunidade baiana”. (Universidade do Estado da Bahia, 2024)

Nos últimos cinco anos os cursos que envolvem, de modo mais efetivo, o debate da Educação do Campo e da Agroecologia podem ser conferidos na Quadro 2.

Dentre os cursos ofertados destaca-se o Bacharelado em Agroecologia no *campus XVI*, na cidade Irecê e no *campus XIV*, na cidade de Conceição do Coité, os quais embora apresentem especificidades territoriais distintas, estão localizados em regiões semiáridas, do bioma caatinga e historicamente identificadas pela organicidade e resistência dos movimentos sociais, sindicais, cooperativistas e associativistas do campo.

Os referidos cursos foram implantados a partir do ano de 2020, do século XXI, com 40 vagas destinadas, preferencialmente, a jovens oriundos das Escolas Famílias Agrícolas, de movimentos sociais populares do campo e outros sujeitos oriundos das comunidades camponesas. Conta com três turmas em andamento e prevê a conclusão da primeira turma para dezembro de 2025. Organizam-se metodologicamente pela Pedagogia da Alternância – pela

alternância de tempos educativos, considerando distintos espaços, conteúdos, formas e instrumentos educativos para além da sala de aula na universidade.

QUADRO 2 - CURSOS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA OFERTADOS PELA UNEB

Ano inicial - final	Curso	Território de Identidade	Unidade Responsável
2020 – Em andamento	Bacharelado em Agroecologia	Sisal – Conceição do Coité Irecê – Irecê	CAECDT/Departamento de Educação (DED C XIV) CAECDT/Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT XVI)
2024 – Em andamento	Licenciatura em Agroecologia	Sertão Produtivo – Guanambi	CAECDT/Departamento de Educação (DED C XII)
	Doutorado em Agroecologia	Sertão do São Francisco - Juazeiro	Departamento de Ciências Humanas (DCH)/Campus III
2020 – Em andamento	Bacharelado em Engenharia de Aquicultura	Baixo Sul - Valença	Departamento de Educação (DED C-XV)
Em andamento	Pedagogia Intercultural em Educação Escolar Indígena (PIEEI)	Extremo Sul - Teixeira de Freitas	Departamento de Educação (DED C X)
	Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena (LICEEI)	Itaparica - Paulo Afonso	Departamento de Educação (DED C VIII)
2023-2024	Especialização em Educação do Campo	Sisal - Serrinha	CAECDT/Departamento de Educação (DED C XI)
		Extremo Sul - Teixeira de Freitas	CAECDT/Departamento de Educação (DED C X)
		Irecê - Irecê	CAECDT/Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT XVI)
		Piemonte do Norte do Itapicuru - Sr. Do Bonfim	Departamento de Educação (DED C VII)
		Sertão Produtivo - Guanambi	Departamento de Educação (DED C XII)

FONTE: Elaborada pelas autoras a partir de Relatórios do CAECDT 2024 e do portal.uneb.br

No âmbito da extensão universitária, a UNEB, em vários *campi*, articula a rede da Feira de base Agroecológica, da Agricultura Familiar e da Economia Solidária, visando ampliar o debate acerca da interrelação entre Educação do Campo, Agroecologia e Políticas Públicas necessárias ao fortalecimento de outra perspectiva de produção agrícola contrária ao modelo do agronegócio.

A seguir encontram-se os resultados e discussões acerca dos fundamentos teórico-metodológicos que subsidiam os processos educativos do Curso de Bacharelado em

Agroecologia e da Feira de base Agroecológica nos *Campi* da UNEB em intrínseco diálogo com autoras/es nacionais que têm produzido conhecimentos de perspectiva crítica sobre Educação do Campo e Agroecologia.

4 Resultados e discussão

O curso de Bacharelado em Agroecologia, da Universidade do Estado da Bahia se origina da história dessa Universidade junto aos movimentos sociais, sindicais, cooperativistas, associativistas do campo. Conforme consta nos estudos das autoras Molina e Antunes-Rocha (2014); Ferreira, Carvalho e Bogo (2021) Carvalho, Porto e Carvalho (2025), a UNEB tem buscado, ao longo do tempo, o efetivo diálogo com as demandas dos Movimentos Populares Camponeses, de modo que sua missão se desenvolve contextualizada pelas demandas territoriais em que tanto a Universidade, quanto os sujeitos estão inseridos.

Trata-se de uma forma de articular pesquisa, ensino e extensão nas áreas da Educação do Campo e da Agroecologia, considerando, sobretudo, a práxis dos sujeitos coletivos, organizados que, têm enfrentado e resistido às forças destrutivas do capital, “organizadas em setores empresariais, na cidade e no campo, setores religiosos, milicianos, conservadores, negacionistas, fundamentalistas, que podem ser identificados, também, nas bancadas legislativas do Estado burguês brasileiro barbarizando a constituição brasileira.” (Taffarel, 2025, p.12)

Nesse sentido, o Curso de Bacharelado em Agroecologia objetiva:

Formar bacharéis em Agroecologia considerando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, atendendo aos princípios agroecológicos e as diretrizes da Educação do Campo considerando os aspectos ontológicos do trabalho na formação profissional, intelectual e cultural. Cuja formação, seja baseada em conhecimentos necessários aos processos de produção e transformação da realidade do campo, comprometido com a agrobiodiversidade, a soberania alimentar e a sustentabilidade, a partir da relação e atuação, direta, com os sujeitos da agricultura familiar, camponesa, povos do campo, das águas e da floresta. (Universidade do Estado da Bahia, 2019, p. 23).

Observa-se desde o objetivo geral do Curso a intencionalidade de estabelecer processos educativos que visem a transformação social da realidade existente, naquilo que diz respeito às relações estabelecidas com a agrobiodiversidade, ecossistemas, pessoas - todas as vidas no campo e na cidade. Ou seja, trata-se de um curso em nível de graduação que assume a disputa por um projeto de campo e de sociedade que se contrapõe à hegemonia do modo de produção

capitalista, na medida em que destaca como finalidade de estudo a vida no campo, na perspectiva da Agricultura Familiar, da agrobiodiversidade e da soberania alimentar.

O Curso ancora-se na compreensão da Agroecologia como ciência que estuda o manejo sustentável de ecossistemas e as relações ali produzidas, considerando a biodiversidade (Ferreira; Oliveira; Virgens, 2023). Agroecologia promove o manejo ecológico dos recursos naturais, por meio de formas de ação social coletiva que apresentem alternativas, mediante propostas de desenvolvimento participativo, desde os âmbitos da produção e da circulação alternativa de seus produtos, pretendendo estabelecer formas de produção e de consumo que contribuam com “uma vida mais saudável”.

Dessa maneira, não só a intencionalidade e os fundamentos teórico-metodológicos explicitam a perspectiva crítica do conhecimento, mas, também, a forma como didática e pedagogicamente os processos educativos do curso estão organizados, assumindo os fundamentos e princípios da Pedagogia da Alternância como orientadores da Organização do Trabalho Pedagógico, assim, se evidencia, ainda mais, os fundamentos críticos e a busca pelo exercício da práxis, coadunando com o entendimento de que:

A concepção de práxis no processo de produção do conhecimento rompe tanto com a perspectiva idealista (os objetos são criados pela consciência) quanto fenomenológica (o conhecimento como reflexo dos objetos do mundo exterior no espírito humano). A teoria do conhecimento fundamentada a partir da categoria práxis tem a atividade prática social dos indivíduos concretos historicamente como referência para a compreensão do real (...). (Curado Silva, 2018, p. 335)

Dessa maneira, práxis é atividade que, intencionalmente determinada, articula elementos teórico-práticos da realidade concreta dos sujeitos para a sua transformação. Todavia, isso inclui a relação dialética entre conhecimento e a própria realidade, assim como, as condições objetivas existentes para a realização dos processos de conhecimento e transformação social. A práxis possibilita o movimento crítico, continuado e contextualizado pela prática social dos indivíduos para a produção do conhecimento. No caso da Agroecologia, acrescente-se ainda, lançar mão de metodologias participativas e de diálogos de saberes que promovam, na produção de conhecimento, a articulação necessária entre conhecimento científico e saber popular.

Estudos de autoras e autores nacionais têm apontado a Pedagogia da Alternância como um conjunto de fundamentos teórico-metodológicos que articula o trabalho com a terra, com o meio ambiente, a vida no campo e a produção do conhecimento acadêmico sobre “Agri – Culturas” (Caldart, 2021; Ferreira; Souza; Lima, 2020; Ribeiro, 2008).

Nestes termos, em que pese as contradições existentes e os desafios que se apresentam para o enfrentamento das correlações de forças contrárias à educação escolar, que tenha como base a crítica, a práxis e a emancipação humana da classe trabalhadora camponesa, a Organização do Trabalho Pedagógico na Escola e na Universidade, a partir da Pedagogia da Alternância, o trabalho pedagógico e o exercício da docência se constituem como estratégias de formação contra-hegemônicas.

O projeto de Curso de Agroecologia da UNEB comprehende que, o modo de vida dos povos do campo tem especificidades quanto à maneira de se relacionar com o tempo, o espaço, o meio-ambiente, de organizar a família, a comunidade, o trabalho, a educação e o lazer que lhe permitem a criação de uma identidade cultural e social própria. A alternância de tempos educativos é uma estratégia pedagógica que, além de garantir o cumprimento da carga horária do curso (acesso e permanência dos sujeitos em formação), é inovadora no que se refere à potencialização e reconhecimento de tempos e espaços que propiciam diferentes conhecimentos e sociabilidades.

No Tempo Universidade (TU) os estudantes estão envolvidos durante oito (8) horas-aulas nas atividades acadêmicas diárias, logo, dois turnos (matutino e vespertino) tempo em que é garantido o ensino dos componentes curriculares constantes na matriz do Curso, e equivale a 70% da carga horária de cada disciplina.

Já o Tempo Comunidade (TC) corresponde a 30% da carga horária total de cada componente curricular; é o período em que os/as estudantes, ao retornarem para suas respectivas localidades, no mesmo semestre letivo, desenvolvem atividades orientadas pelas/os professoras/es no decorrer do TU e a fazem dialogar com a vivência do seu cotidiano e os conteúdos ministrados/estudados, na perspectiva da práxis. É uma das estratégias importantes e reconhecida na Educação do Campo, pois, garante ao trabalhador e trabalhadora do campo o acesso à educação (em qualquer nível) sem abandonar o trabalho da produção, sua comunidade, seus vínculos afetivos, simbólicos e produtivos (Universidade do Estado da Bahia, 2019).

A exemplo, segundo consta no Projeto Pedagógico Curricular do Curso, no primeiro semestre letivo (das três turmas em andamento, em cada *campi*) foram ofertados os seguintes componentes curriculares: Estudos Socioantropológicos (60h), Introdução à Agroecologia (45h), Fundamentos da Matemática (45h), Ecologia de Agroecossistemas (60h); Biologia Geral (60h), Fundamentos da Química (60) e Seminário Integrador (15), são sete componentes

curriculares, conforme já anunciado, com 30% da carga horária total, de cada um deles, destinada ao TC.

A atividade, definida em reunião específica para este fim, foi realizada sob a coordenação do/da docentes responsável pelo componente curricular Seminário Integrador, com participação do coletivo de docentes, discentes e representantes de movimentos sociais sob a perspectiva interdisciplinar do conhecimento se intitula: “Inventário da Realidade”. Trata-se de uma ferramenta para levantamento e registro organizado de aspectos materiais ou imateriais de uma determinada realidade. Levantamentos quantitativos e ou qualitativos. (Caldart, 2016). Esta ferramenta orientadora do conteúdo a ser pesquisado pelos/as discentes durante o TC fora organizado em duas grandes partes: Bloco A – questões relacionadas ao perfil socioeconômico e cultural da comunidade em que os/as estudantes estão inseridos e o Bloco B – questões relacionadas ao solo, água, biodiversidade e produção agrícola.

O Tempo Comunidade fora realizado a partir do estudo, aplicação, análise e sistematização das informações obtidas. Cabe as/-aos docentes a orientação e acompanhamento de grupos de estudantes durante toda as etapas do Inventário da Realidade. Assim, afirma o PPC do Curso:

As atividades do TU e TC serão planejadas pelo conjunto de professores em cada módulo do curso, a partir da perspectiva interdisciplinar do conhecimento, objetivando o planejamento, avaliação e socialização dos trabalhos realizados, sob orientação do Seminário Integrador e em diálogo com os estudantes. Entende-se que esta metodologia inclui a participação de Movimentos Sociais Sindicais do Campo; dialoga com a cultura camponesa; preserva os vínculos dos estudantes com suas comunidades, seus valores, sua cultura e, sobretudo, seu comprometimento face ao enfrentamento dos problemas que esperam solução, além de assegurar a unidade teoria/prática/práxis. (Universidade do Estado da Bahia, 2019, p. 31).

Nota-se, portanto, que a perspectiva do Curso de Agroecologia se alinha à concepção e princípios da Educação do Campo, na medida em que a “Agroecologia ‘chama educação’. Precisa dela para seu avanço e por isso integra as lutas da Educação do Campo.” (Caldart, 2021, p. 358).

Já o Projeto Feira da Agricultura Familiar Agroecológica e da Economia Solidária, por sua vez, objetiva ampliar o debate acerca de políticas de Agricultura Familiar, fortalecer os movimentos de pequenos agricultores e agricultoras nos territórios onde se realizam e inserir a Universidade na articulação com as demandas sociais do campo. Além disso, a Feira é lugar de encontro, reencontro, cuidado com o outro, com alimentos e a natureza, ou seja, é uma atividade formativa em potencial. Assim, utiliza-se de metodologias participativas, diálogo de saberes,

trabalho coletivo e diálogo efetivo com os Movimentos Sociais do Campo, realizando a comercialização de produtos de base agroecológicas, oriundos Agricultura Familiar e empreendimentos da Economia Solidária, inserindo atividades de formação para os/as expositores/as da Feira, além daquelas artístico-culturais, como por exemplo, cantorias, temáticas de estudo, declamação de poemas, místicas, lançamento de livros, dentre outras.

Segundo Relatório (2024) o projeto da Feira tem promovido maior aproximação da Universidade com a comunidade local onde está inserida, além da intencionalidade de ampliação do debate sobre a temática do campo brasileiro, no tocante ao acesso à terra, a Agroecologia (como alternativa ao modelo de produção do agronegócio), na Universidade, bem como a promoção de contribuições ao fortalecimento da Agricultura Familiar e do desenvolvimento das comunidades campesinas envolvidas com o Projeto.

Desde 2016 o Projeto da Feira vem se constituindo como uma rede importante tanto de produção, quanto de concepção, conteúdo, forma, objetivos e avaliação dos processos de articulação que envolve as políticas de Agricultura Familiar e Economia Solidária. No âmbito da UNEB a Feira é realizada em distintos territórios/campi, vejamos o Quadro 3.

QUADRO 3 – REALIZAÇÃO DAS FEIRAS DE BASE AGROECOLÓGICA NA UNEB

Nome	Departamento	Cidade	Ano inicial	Funcionamento
Feira de Agricultura Familiar Agroecológica e Economia Solidária	DED C X	Teixeira de Freitas	2016	Primeira quarta-feira de cada mês e em eventos do Departamento, a exemplo do Seminário de Pesquisa e Extensão (SEPEX) e outros
Feira Agroecológica	DCH I	Salvador	2016	Semanalmente às quintas-feiras
Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária (FEAFES)	DED C XIV	Conceição do Coité	2023	Uma vez ao mês ou durante eventos acadêmicos
Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária (FAFES)	DED C XI	Serrinha	2023	Uma vez a cada 02 anos
Feira Agroecológica	DCHT IV	Jacobina	2024	uma vez por mês
Feira Agroecológica	DED C XII	Guanambi	2022	uma vez por mês
Feira Agroecológica	DCHT XVI	Irecê	2022	uma vez por mês
Feira Agroecológica	DED C VIII	Paulo Afonso	2022	Uma vez por mês

FONTE: Elaborada pelas autoras a partir de Relatórios do CAECDT 2024 e do www.portal.uneb.br

As Feiras supracitadas, são atividades que também se ancoram no protagonismo dos movimentos sociais, sindicais, cooperativistas e associativistas do campo, no compromisso, responsabilidade e parceria entre a Universidade e os referidos movimentos, assim como promovem espaço-tempo para a discussão dos fundamentos teórico-práticos que subsidiam os

processos educativos acerca da Educação do Campo e da Agroecologia. Neste sentido, apresentam os seguintes objetivos:

- 1) Oportunizar reflexões e debates sobre a questão do acesso à terra no Brasil e suas consequências para os que vivem do trabalho no campo, focalizando a concentração da terra no Brasil e a violência aos que lutam por sua democratização;
- 2) Organização de banco de dados sobre as inovações tecnológicas e as pesquisas técnicas e científicas acerca das experiências agroecológicas.
- 3) Oportunizar o diálogo da Universidade com a comunidade, em especial os produtores rurais agroecológicos;
- 4) Fortalecer o debate da agroecologia no interior da Universidade, bem como oportunizar à comunidade acadêmica um espaço de aprendizagem sobre os princípios da agroecologia e produtores orgânicos;
- 5) Possibilitar o estudo e o desenvolvimento pesquisas dos graduandos e pós-graduandos na perspectiva da produção agroecológica objetivando sua difusão (Universidade do Estado da Bahia, 2024, p. 04).

Observa-se que estes objetivos articulam não só a realização da atividade em si, mas a partir das feiras se mobiliza processos formativos e conteúdos importantes e de perspectiva, também, contra-hegemônica, na medida em que inserem o debate sobre a questão agrária, concentração de terra e conflitos/violência no campo – conforme consta no primeiro objetivo. Envolvem pesquisa, ensino e extensão universitária conforme a intencionalidade destacada nos objetivos 2, 4 e 5 e por fim, o terceiro objetivo se reporta ao movimento afetivo, festivo e de sociabilidade entre as pessoas que participam da atividade, favorecendo diálogos, rodas de conversas, interações sobre os temas previstos em seus objetivos. As imagens divulgadas nas redes sociais das Feiras, a exemplo da @obdoc_uneb; @agrofeiraunebx; @feiraagroecologicauneb evidenciam as referidas relações.

Cabe ainda destacar que, o Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Trabalho. Contra-hegemonia e Emancipação humana (GEPEC/CAECDT-UNEB) origina-se do trabalho de pesquisa e de formação pela extensão universitária realizado pelo coletivo de Educação do Campo, vinculado ao Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire, da Universidade do Estado da Bahia, está diretamente envolvido tanto nos cursos de Agroecologia quanto nas atividades das Feiras, pois a partir de suas linhas de pesquisaⁱⁱⁱ e do envolvimento de docentes, pesquisadoras/es, técnicos/as e estudantes nas atividades, se amplia o debate, sistematiza experiências e se contribui com a difusão do conhecimento produzido e ou mobilizado em cada atividade. Toma-se como exemplo a produção da publicação de quatro livros que sistematizam e divulgam a práxis das ações do Grupo de Pesquisa GEPEC e do Coletivo da Educação do Campo, a saber: O livro I, intitulado “Educação do Campo e formação contra-hegemônica: estudos de relações/interações das práticas

educativas e demandas educacionais”, organizado por Domingos Rodrigues Trindade e Maria Dorath Bento Sodré (2017); o livro II, intitulado Práticas educativas nas Escolas do Campo e em outros espaços educativos dos territórios rurais, organizado por Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho e Maria Jucilene Lima Ferreira (2020); o livro III, intitulado Educação do Campo e Agroecologia: Resistência e luta pelo fortalecimento dos saberes e fazeres, organizado por Francisco Emanuel Matos Brito, Maria Dorath Bento Sodré, Gilmar dos Santos Andrade e Rosana Mara Chaves Rodrigues (2022) e o livro IV intitulado “Caminhos de Leituras e a docência em Escolas de Assentamentos de Reforma Agrária Popular”, organizado por Maria Jucilene Lima Ferreira e Danillo Eder Pinheiro Carvalho (lançado, 2025).

Todavia, vale o registro de que são muitas as contradições que permeiam os trabalhos realizados, para citar um exemplo, quando se verifica, nos relatórios analisados, a insuficiência de transporte que possibilite o acompanhamento e apoio à totalidade das atividades realizadas junto às Feiras e às comunidades envolvidas com o curso de Agroecologia, bem como para a realização de atividades de campo e acompanhamento *in loco* das atividades de Tempo Comunidade;

5 Considerações finais

Ao concluir o estudo, constatou-se que, os cursos de Agroecologia emergiram das demandas dos movimentos sociais, sindicais e associativos do campo, inicialmente como experiências pontuais de extensão universitária, no ensino com a inclusão de disciplinas nos cursos especiais do PRONERA e na constituição de um coletivo multidisciplinar articulado e engajado foram acumulando experiências na Educação do Campo e na Agroecologia. Portanto, são cursos e experiências que já nascem no bojo e construção de uma ciência contrahegemônica em uma universidade encharcada de conhecimento crítico, comprometido com a transformação social - práxis. Neste sentido, não se fez e não se faz sem tensões e contradições. Tais tensões são principalmente porque no calor das lutas sociais exige-se da Universidade que esta cumpra a sua função social e política, pois como afirma Paulo Freire, em Pedagogia do Oprimido, os esfarrapados do mundo deixam para trás a ideia ingênua de serem apenas espectadores dos processos e cobram da Universidade uma postura viva diante dos desafios do nosso tempo histórico.

Assim, as evidências da pesquisa mostram que, os cursos de Agroecologia e as Feiras de base Agroecológicas, no âmbito da UNEB são as expressões dos desafios e da necessidade de reconstruir, de reestruturar na totalidade as relações da sociedade com a natureza, que na forma atual tem tanto nos ameaçado.

A educação em agroecologia se coloca em posição de enfrentamento às estruturas dominantes de classe presentes na universidade, por suas necessidades formativas ela exige uma universidade que se volte para os problemas da sociedade e que produza formas de ensino, conhecimento e atuação que impulsionem os processos de transformação social. Ela gera tensionamentos que por vezes podem surtir em avanços não só para a formação em agroecologia, mas para o conjunto da universidade, no sentido de se questionar e transformar sua lógica de ensino e produção de conhecimento, conquanto as demandas populares não se fazendo presentes e ocupando estes espaços. Mas, em muito, estes tensionamentos acabam surtindo em retrocessos, como ficou claro no estudo promovido, com os limites e contradições gerados e que, podem resultar em uma reafirmação da lógica dominante da Universidade, levando as formações construídas pelas classes populares, como é o caso da Agroecologia a adaptar-se à lógica de mercado, conquanto o ensino seja conformado a uma tendência tecnicista, empreendedora e competitiva presente no ensino superior.

Referências

- ALENTEJANO, Paulo. Estrutura Fundiária. In CALDART, R.S; PEREIRA, I.B; ALENTEJANO, P; FRIGOTO, G. (organizadores). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- BOAVENTURA, EM. **A construção da universidade baiana**: objetivos, missões e afrodescendência [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. A criação da universidade do estado da Bahia (UNEB). pp. 29- 44. ISBN 978-85-2320-893-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- BALLA, João Vitor Quintas; MASSUKADO, Luciana Miyoko; PIMENTEL, Vania Costa. Panorama dos cursos de agroecologia no Brasil. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 9, n. 2, p. 3-14, 2014.
- BRASIL, Lei 3.353 de 13 de maio de 1888. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm. Acesso em: 09 de junho de 2025.
- CALDART, R. S. et al. **Inventário da Realidade**: guia metodológico para uso nas escolas do campo. Guia discutido no Seminário Educação em Agroecologia nas Escolas do Campo. Veranópolis, RS: IEJC, 2016.
- CALDART, Roseli. Educação do campo e agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida! Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/301416870/Escolas-Do-Campo-e-Agroecologia-Roseli-Fev16-1>> Acesso em 09 de jun. de 2017.

CALDART, Roseli S. Educação do Campo e Agroecologia. In: DIAS, Alexandre Pessoa [et al] **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1 edição. São Paulo: Expressão Popular. 2021. p. 355-361

CARVALHO, Cecília M. Mourão; PORTO, Helânia Thomazine; CARVALHO, Luzeni Ferraz de Oliveira (orgs). **Universidade, Movimentos Sociais e Educação**. 1ª ed. Campinas-SP: Pontes Editora, 2025

CURADO SILVA, Katia A. Pinheiro Cordeiro Curado Silva. Epistemologia da Práxis na Formação de Professores: Perspectiva crítica emancipadora. In: **Revista Perspectiva**, Florianópolis-RS, v. 36, n. 1, p. 330-350, jan./mar. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n1p330/pdf>

FERREIRA, Maria Jucilene Lima; OLIVEIRA, Rodrigo Carneiro; VIRGENS, Ane Karolina. Curricularização da Extensão, Comunicação e Práxis: Reflexões sobre o curso de bacharelado em Agroecologia. In: SANTOS, Andréa Cistina; TELES, Edilane Carvalho; ALCÂNTARS, Mariana Rosari Lima (Orgs). **Curricularização da Extensão: Diálogos Formativos entre a Universidade e a Comunidade**. Salvador- BA: EDUNEB. (Série Extensão Universitária & Sociedade), v. 3. 2023. P. 139-157

FERREIRA, M. J. L.; CARVALHO, L. F. de O.; BOGO, M. N. R. de A. Educação do Campo no âmbito da Universidade do Estado da Bahia: abordagem histórica. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, [S. l.], v. 30, n. 61, p. 17-37, 2021. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.2021.v30.n61.p17-37. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/10034>. Acesso em: 20 maio. 2024.

FERREIRA, Maria Jucilene Lima; SOUSA, Antônia Euza Carneiro, LIMA, José Romildo. Contribuições da Pedagogia da Alternância para a formação de Técnicos Agropecuários: O caso da Escola Família Agrícola de Jaboticaba – Quixabeira-BA. In: **Revista Brasileira de Educação do Campo**. Tocantinópolis, v 5, 2020.

INCRA/PRONERA. **Relatório da II Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária (II PNERA)**. Brasília 2013, disponível em <http://www.incra.gov.br/pronera/ii-pesquisa-nacional-de-educa-o-na-reforma-agr-ria-pnera---jun-2015>. Acesso em agosto 2015

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Irmão Israel José; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação básica do campo (memória)**. Brasília: Articulação nacional Por Uma Educação do Campo. Coleção Por Uma Educação do Campo, n. 1. 1999.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Tradução de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

RIBEIRO, M. (2008). Pedagogia da Alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. *Educação e Pesquisa*, 34(1), <https://doi.org/10.1590/S1517-9702200800010000>

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. Prefácio: O Movimento concreto da Universidade, Dos Movimentos Sociais e da Educação em tempos de constitucionalização da Barbárie. In: CARVALHO, Cecília M. Mourão; PORTO, Helânia Thomazine; CARVALHO, Luzeni Ferraz de Oliveira (orgs). **Universidade, Movimentos Sociais e Educação**. Campinas-SP: Pontes Editora, 2025, p. 11-14.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, **Relatório de Projetos**. Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire (CAECDT). 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, **Projeto Curricular do Curso de Agroecologia**, Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire (CAECDT). 2019.

ⁱ Aglutina em sua multicampia 46 cursos presenciais e 14 EaD, com 26.931 discentes de graduação, 5.331 discentes de pós-graduação, 2.181 docentes e 1.656 técnico-administrativos. (UNEB, 2024)

ⁱⁱ <https://portais.univasf.edu.br/ppgadt>

ⁱⁱⁱ1) Formação, Escola do Campo e Organização do Trabalho Pedagógico; 2) Políticas Públicas de Educação do Campo; 3) Questão Agrária, Movimentos Sociais do Campo e Processos Educativos.